



Revista Brasileira de Marketing

E-ISSN: 2177-5184

admin@revistabrasileirmarketing.org

Universidade Nove de Julho

Brasil

Barcellos, Bruna Luíza; Fernandes, Mário Luis  
Jornal A Notícia e o discurso nazista em Santa Catarina  
Revista Brasileira de Marketing, vol. 7, núm. 2, 2008, pp. 127-135  
Universidade Nove de Julho  
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=471747518003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# Jornal *A Notícia* e o discurso nazista em Santa Catarina

**Bruna Luíza Barcellos**

Universidade do Vale do Itajaí – SC [Brasil]  
bruna.barcellos@univali.br

**Mário Luis Fernandes**

Universidade do Vale do Itajaí – SC [Brasil]  
mariofernandes@univali.br

O jornal *A Notícia*, de Joinville, cidade colonizada por alemães, apoiou o regime nazista desde a ascensão de Adolf Hitler ao poder. Entre 1932 e 1944, várias edições estamparam a figura de Hitler e da suástica nazista, além de mensagens de exaltação àquele regime. Com base na *Análise de conteúdo* (BARDIN, 1977), busca-se, por meio deste artigo, compreender a representação feita pelo jornal *A Notícia* sobre esse marco histórico, ou seja, trazer à luz os reflexos de uma parte da história mundial ocorrida em território catarinense.

**Palavras-chave:** Jornal *A Notícia*. Nazismo. Segunda Guerra Mundial.

# 1 Introdução

O jornal *A Notícia*<sup>1</sup>, lançado em 24 de fevereiro de 1923, em Joinville, pertence à fase heróica da imprensa catarinense, feita à base de chumbo pelas linotipos. Nasceu como semanário independente, com quatro páginas, por iniciativa do paranaense de Palmas, Aurino Soares, então com 27 anos.

Oportunista, determinado, temperamento forte, idealista, polêmico. Esses são alguns dos adjetivos pejorativos, atribuídos a Aurino Soares em depoimentos dados por alguns de seus ex-funcionários, no livro de Apolinário Ternes, *História do Jornal A Notícia* (1983). Pelo fato de ter dificuldades em português, o que era motivo de brincadeiras entre os linotipistas, Aurino ditava seus editoriais. Se escrevia de próprio punho, a revisão exigia extremo cuidado. Quando os ofendidos por suas críticas tenazes iam à sede do jornal reclamar, o proprietário, com argumentos ardis, convencia o reclamante a anunciar no jornal para cessar os ataques.

Uma das fases mais obscuras do periódico compreende o período da Segunda Guerra Mundial, quando estampou várias manchetes de capa favoráveis ao nazismo. De acordo com Ternes (1983, p. 76), essa simpatia começou a partir de fevereiro de 1932, quando o proprietário “concede generosos espaços a um novo personagem da cena política mundial: Adolf Hitler”. A edição de 13 de julho de 1934, por exemplo, traz na capa três grandes ilustrações de quase meia página: de um lado, Adolf Hitler; de outro, o fascista italiano Benito Mussolini; ao centro, a suástica nazista. No alto da página, a manchete traduzia uma frase do *Führer*: “A justiça é a vontade firme e constante de dar a cada um o que lhe é devido”. No subtítulo, o complemento da linha editorial do jornal: “Pela vontade inflexível de Hitler, a Alemanha voltará à posição que lhe pertence, como expoente da cultura e da civilização do mundo”. Tamanha simpatia ao regime nazista levou Goebbels a enviar telegrama de agradecimento ao periódico, em 6 de janeiro de 1935, que seria publicado em primeira página.

Analisar o perfil e o discurso do jornal, nesse período, é a proposição central deste artigo. A base metodológica constitui-se de pesquisa bibliográfica, desenvolvida notadamente em Ternes (1983), para analisar a história do jornal; em Ficker (1965) e Ternes (1984 e 2002), para compreensão do cenário sociopolítico de Joinville durante a Segunda Guerra; em Faveri (2004), Gertz (1987) e

Amorim (2000), para estudar o processo de “germanização” em Santa Catarina, e em pesquisa documental, realizada com base nas edições de *A Notícia*, publicadas entre 1930 e 1944. Por meio da leitura desses exemplares, procedeu-se, então, à análise de conteúdo dos textos de apoio ao nazismo e a Adolfo Hitler.

A Análise de Conteúdo (AC), cristalizada na obra de Bardin (1977), será aplicada aqui no seu aspecto qualitativo (inferencial), uma vez que o grande volume de material demandaria inúmeras tabelas e gráficos pouco assimiláveis para um artigo científico. A AC é uma técnica de investigação de matiz semiológica que, por meio da descrição, objetiva interpretar as comunicações ou, como define a autora (BARDIN, 1977, p. 27), “[...] visa determinar a influência cultural das comunicações de massa na nossa sociedade”. Sua metodologia remete a idéia de que o texto não se prende apenas à lingüística, mas ao contexto como um todo.

## 2 O Brasil e a Segunda Guerra Mundial

Iniciada em 1939, a Segunda Guerra Mundial envolveu 72 nações. A maior catástrofe da história provocada pelo homem matou e mutilou cerca de 78 milhões de cidadãos, sem levar em consideração os sobreviventes que ficaram com seqüelas e traumas psíquicos. Populações inteiras foram dizimadas, e comunidades, apagadas do mapa.

O Tratado de Versalhes foi o impulsor desse conflito. O documento responsabiliza a Alemanha, tanto financeira quanto moralmente, pela Primeira Guerra Mundial. Os pesados encargos estabelecidos nesse contrato arruinaram a moeda alemã. Em 1923, eram necessários 160 milhões de marcos para comprar um dólar. O desemprego cresceu rapidamente, as grandes empresas reduziram dívidas e multiplicaram ganhos, aprofundando o abismo entre capital e trabalho. Oficialmente, a Segunda Guerra Mundial começa no dia 1º de setembro de 1939, quando os alemães entram na Polônia e anexam Danzig.

A comparação numérica entre os dois conflitos mundiais é inevitável. Enquanto na Primeira Guerra, 5% das vítimas foram civis e o custo chegou a 208 bilhões de dólares, na Segunda, foram aniquiladas 60% a mais, atingindo-se a cifra de 1,5 trilhão de dólares, além de mobilizar aproximadamente 110 milhões de homens e mulheres, dos quais apenas 30% não morreram ou foram feridos.

Curiosamente, o Brasil, na primeira das guerras, era um país que ainda não se autopatrulhava ideologicamente. Não havia perseguições públicas aos simpatizantes de um lado ou do outro. Diferentemente do que aconteceria na Segunda Guerra Mundial, quando comerciantes alemães, italianos e japoneses sofreram retaliações da população, sob a forma de preconceito sutil, direto ou mesmo de violência física (FERRO, 1995, p.25).

Após o rompimento com o Eixo (Alemanha, Itália e Japão), em 1942, o Brasil se posicionou favorável aos Aliados (Estados Unidos, França, Inglaterra e Rússia). “O governo brasileiro, nos períodos cruciais que desembocaram na II Guerra Mundial, teve uma posição política ambígua de falsa neutralidade. Getúlio Vargas procurava tirar proveito das potências em guerra, fazendo com que ambos os lados o tivessem como aliado” (AMORIM, 2000, p.57).

O torpedeamento dos navios brasileiros, supostamente por submarinos alemães, e a pressão dos Estados Unidos culminaram com a entrada do Brasil na guerra contra a Alemanha e a Itália. Para o País participar desse combate, foram enviados mais de 25 mil homens para Nápoles, utilizadas bases aéreas com escalas para África e Oriente (Natal possuía a maior base militar americana fora dos EUA) e fornecidos materiais estratégicos como minerais e borracha. Dessa forma, cooperou-se com o patrulhamento do Atlântico e impediu-se o tráfego de navios e submarinos do Eixo.

Apesar dos combatentes mal preparados, o Brasil obteve vitórias significativas, tais como a tomada de Montese, em 14 de abril de 1945, e a captura da 148ª de Divisão da Infantaria Alemã. A Força Expedicionária Brasileira (FEB) contabilizou 443 mortos, 1.500 feridos e 8 mil doentes. Em alto mar, morreram, torpedeados, cerca de 900 brasileiros.

Em Santa Catarina, a primeira colônia alemã – São Pedro de Alcântara, próximo à atual Florianópolis – foi fundada em 1829. No entanto, a imigração mais forte somente ocorreria em meados do século XIX, em colônias como Blumenau (1850), Joinville (1851) e Brusque (1861)<sup>2</sup>.

A colonização de Joinville teve início em 9 de março de 1851, com a chegada dos primeiros imigrantes que enfrentaram adversidades como a fome, a hostilidade do clima, a umidade do solo, as doenças tropicais e a falta de perspectiva de vida. Eram

lavradores, homens de cultura, profissionais liberais. Diante dessa realidade cruel, centenas desistiram.

Os interesses da sociedade colonizadora e do governo imperial brasileiro eram diferentes. Enquanto essa sociedade, formada por banqueiros, empresários e comerciantes, visava obter lucros com a exportação de mão-de-obra e estabelecer uma colônia alemã, o governo pensava em ocupar os vazios demográficos, “branquear” a população e substituir a mão-de-obra escrava por colonos “livres”.

Sobre a atuação desses imigrantes na política brasileira, Gertz (1987, p. 27) observa que, segundo alguns pesquisadores, houve “um perigoso excesso de intromissão” e, de acordo com a maioria das pesquisas, uma “perigosa abstenção política e um desinteresse pela realidade política nacional”. Essa omissão ocorreu notadamente nos primeiros anos de imigração, em razão, principalmente, da barreira do idioma. No entanto, no fim do século XIX e início do XX, as gerações de descendentes, nascidas no Brasil, conseguiram reverter esse quadro<sup>3</sup>.

A forte presença numérica desses descendentes, somada a sua atuação política e cultural foram determinantes para torná-los, após a declaração de Guerra, alvo de perseguição política no País. Getúlio Vargas desencadeou uma campanha repressiva contra os agentes nazistas. O Brasil era considerado a maior concentração nazista fora da Alemanha. O historiador americano Carleton Beals (apud. Gertz, 1987) aponta que, em 1938, 59% dos alemães no país eram adeptos do nazismo.

Em 1937, suscitaram indícios de que o Partido Nazista no Brasil tentou criar, na região Sul, um Estado Integralista-Nazista independente, reunindo os Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Stanley Hilton, também historiador norte-americano, reportou-se à possibilidade de um levante nazista na região. Entre 1937 e 1939, a Escola de Guerra do Exército (*Army War College*) realizou um estudo secreto que objetivava determinar a quantidade de tropas norte-americanas necessárias para suprimir um levante nazi-fascista no Brasil.

Em Santa Catarina, com o Interventor Nereu Ramos à frente do governo, a desarticulação do movimento foi levada às últimas conseqüências. Cerca de 60 agentes da Polícia Civil, lotados na Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS), tendo como chefe o capitão Antônio de Lara Ribas, capturaram e fizeram a triagem dos elementos considerados suspeitos de atividades antinacionais. Diante dessa conjuntura, atos cívicos com faixas “morram os ingratos”, “descendentes contra teu

pai, teu irmão, mas pelo Brasil” passaram a ser frequentes, pois tanto homens quanto mulheres foram violentados nos seus direitos mais elementares:

[...] o direito de ir e vir, obrigando-os ao uso de salvo conduto; o de falar e de se expressar; o de comemorar datas festivas; o de comunicar-se com os familiares por meio de correspondências; o de guardar fotografias e objetos da memória familiar; o de ler na língua de origem; o de utilizar lápides, enterrar seus mortos e praticar suas crenças religiosas na língua de origem, dentre outros (FAVERI, 2004).

Como medida preventiva, em Santa Catarina, supostos espiões ou “traidores da pátria” foram retirados de suas cidades e levados para Bom Retiro, Lages e São Joaquim. Entre janeiro de 1942 e de 1943, retiraram-se 49 homens de Florianópolis; 100, de Itajaí; 57, de São Francisco do Sul; 26, de Laguna e Imbituba, e 260 de Chapecó. Segundo relatório do DOPS, nesse período, efetuaram-se 695 detenções em nome da segurança nacional, e 456 ganharam liberdade por falta de provas. Em algumas ocasiões, para humilhar e abasileirar os detidos, obrigávamos, no ritual de tortura, chamado de “batismo”, a engolir óleo diesel.

## 2.1 O Deutschtum

A preservação do *Deutschtum* (germanismo ou nacionalismo alemão) ou da *Deutschtumspflege* (conservação da pureza étnica) foi disseminada em Santa Catarina por meio de jornais em língua alemã, associações culturais e esportivas, igrejas e, principalmente, pelas escolas. O *Kolonie Zeitung* (1862), redigido em alemão, foi o primeiro jornal de Joinville; em Blumenau, surgiram o *Blumenauer Zeitung* (1881) e o *Urwaldsbote* (1898), além de dezenas de outros nas colônias alemãs no Estado. Esses três jornais, conforme Gehse (apud. GERTZ, 1987), somavam uma tiragem de 10 mil exemplares, o que representava um exemplar para cada quatro ou cinco lares teutos.

Os clubes também tiveram papel significativo na difusão do germanismo. Gertz (1987) observa que, em 1929, somente em Joinville, Blumenau e Brusque, existiam 25 sociedades de canto, além das de teatro, tiro ao alvo, bolão e ginástica, entre outras. Em 1936, eram 85 clubes das mais variadas atividades.

As escolas particulares alemãs foram um dos principais veículos de penetração nazista no Estado. Depois da ascensão de Hitler na Alemanha, cerca de 2.500 *Deutsche Schule* passaram a ser controladas pelo Partido Nazista em Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul.

Esses educandários tinham como regra: 1) trabalhar somente com professores treinados sob a orientação nazista e aprovados pelo Partido Nazista; 2) usar material didático importado que refletisse sobre o pensamento social da “nova Alemanha”; 3) a catequização dos alunos para obter o apoio das mães e dos pais. Além das escolas, as igrejas alemãs de culto protestante também foram muito utilizadas. Na catequese, as crianças de origem alemã eram separadas das lusas, o que já não acontecia no ensino laico.

O governo brasileiro, que percebeu a ameaça à soberania do País, publicou inúmeros decretos e resoluções no *Diário Oficial do Estado de Santa Catarina*, de 1938 a 1942, determinando o fechamento de várias escolas particulares alemãs, proibindo o ensino em idioma estrangeiro e confiscando material didático. Como o Decreto nº 88, de 31 de março, não venceu a resistência dos pais em matricular os filhos nas escolas públicas, o governo estadual baixou, em 14 de fevereiro de 1939, o decreto-lei nº 301, que tornou obrigatória a frequência escolar das crianças de 8 a 14 anos, residentes em um raio de até três quilômetros da escola.

## 3 Jornal A Notícia: um perfil

Cidade de maior perspectiva do Sul do país, Joinville tinha, no surgimento de *A Notícia*, em 24 de fevereiro de 1923, cerca de 25 mil habitantes. Aurino Soares, “[...] mais empresário do que jornalista, sempre foi homem de brilhante visão, e os desafios exerciam permanente fascínio sobre ele [...]” (TERNES, 1983, p. 24)<sup>4</sup>. Conforme assinado, o jornal passou por diferentes fases ao longo de seus 85 anos. Neste tópico, o foco será a análise de sua primeira fase (1923 a 1944 – notadamente as décadas de 30 e 40) quando era dirigido por seu fundador, período que compreende a ascensão do nazismo e a eclosão da Segunda Guerra Mundial.

*A Notícia* dizia-se aliada aos ideais liberais, mas seu discurso tinha forte matiz conservadora. “Fazia oposição ao *Kolonie Zeitung* (1862), o “jornal de duas línguas”, de Ottokar Doerfel, e ao *Jornal de Joinville* (1919), de Eduardo Schwartz, seus prin-

ciais concorrentes. Era anti-comunista e contra o voto feminino. Definia o comunismo como o “REGIMEM DA PROSTITUIÇÃO GERAL” (grifo do jornal), no qual “[...] a mulher é considerada como propriedade pública e pode ser requisitada por qualquer indivíduo para a sua serventia, pelo tempo que bem lhe aprouver”, acusava na capa, de 12 de fevereiro de 1931.

Circulava às quartas e sábados, com quatro, seis ou oito páginas. No início dos anos 1930, já trazia notas e fotos sob o logotipo “Notas Esportivas”, que seria o embrião para a futura editoria ou página de esportes. Também trazia uma coluna de moda e pequenas notas sociais e outro ensaio do que seriam as colunas sociais. Ao longo da década, mudou de diretor de redação algumas vezes, mas sempre seguindo as orientações editoriais de seu fundador.

Em 1930, posicionou-se em favor da candidatura de Getúlio Vargas à Presidência da República, de Fulvio Aducci para o governo do Estado e de Hans Jordan à prefeitura de Joinville. De suas páginas sobressaíam matérias exaltando personalidades políticas da época, como Nereu Ramos; o prefeito de Joinville, Ulysses Costa, e os candidatos da Aliança Liberal.

A campanha em favor de Getúlio Vargas e contra Júlio Prestes era explícita, muito própria do jornalismo opinativo da época. Apenas como exemplo do tom agressivo pró-Getúlio, vale citar a manchete de 19 de fevereiro: “No dia 1º de março vae ferir-se o grande duelo entre a liberdade e o despotismo!”. No dia da eleição, traz como manchete de capa: “O dia da vitória”, e na contracapa, em letras garrafas, o apelo:

Cidadão! Tendes, hoje, o maior dever de brasileiro a cumprir: livrar o Brasil, com o teu voto, dos políticos profissionaes que ennojam o nosso regimen republicano. – Getúlio Vargas e João Pessoa serão os primeiros atalhas da pátria escrava. – Votae nestes dois nomes para a vitória da democracia. (A *Notícia*, 1930, p.12).

Esse espírito laudatório se estende mesmo após a derrota de Vargas, que foi o “vencedor moral”, segundo o jornal. Joinville foi uma das poucas cidades catarinenses em que Vargas venceu Prestes, apesar da pequena diferença dos votos. Após o golpe de Vargas e o exílio de Prestes e Washington Luiz, A *Notícia* estampa na foto de capa, de 4 de dezembro de 1930, a partida dos dois líderes para o exílio<sup>5</sup>. Na mesma página, Nereu Ramos, que recebera apoio do jornal e se elegera deputado

federal meses antes, publica seu telegrama de agradecimento pelos “serviços” que o jornal “prestou à causa libertadora”. Na edição anterior (22/12), o jornal comemorava, em um texto-legenda com letras garrafas, a queda de Prestes.

Às vésperas das eleições municipais, que seriam realizadas no domingo, 5 de outubro, o jornal traz, em dois terços de capa, a matéria intitulada “O dia da vitória”. O texto é entremeado com fotos do candidato Hans Jordan e do prefeito Ulysses Costa; em tamanho menor, as de Marinho de Souza Lobo, chefe de polícia do Estado, e de Arthur Ferreira da Costa, secretário da Fazenda, todos integrantes do Partido Republicano Catarinense. Sob a foto do candidato, a legenda: “Sr. Hans Jordan, que será eleito amanhã Prefeito de Joinville”.

Em novembro de 1930, torna-se diário vespertino e intitula-se, na capa, “O jornal de maior circulação no Estado”. A partir de 1º de janeiro de 1931, passa a publicar edições pela manhã e à tarde.

O início de janeiro de 1931 foi de bons negócios para Aurino Soares. A *Notícia* conseguiu a conta da prefeitura para publicar seus atos oficiais, do Serviço Eleitoral, Alistamento Militar, do Conselho Municipal, Tribunal Correccional e do Júri no valor de 100 mil réis mensais. Ainda em janeiro, torna-se o órgão “oficioso” da Prefeitura de São Bento do Sul e das indústrias madeireiras de Santa Catarina e do Paraná. Em 6 de fevereiro, inicia a circulação de uma página em alemão, três vezes por semana.

Na noite de 29 de julho de 1931, a redação do jornal foi destruída por Antônio Bastos, fiscal de obras da prefeitura. Motivo: uma série de acusações que o jornal havia feito contra aquele funcionário. De 10 a 31 de agosto, o jornal sai em edição menor, medindo 28 x 41 cm e com oito páginas. A primeira edição trazia como manchete: “Tudo que era nosso ficou destruído – dez annos de labor e de sacrificios aniquilados”. Em setembro, o periódico volta a circular no formato *standard* e matutino, e a justiça se pronuncia sobre o atentado<sup>6</sup>.

Em editorial de 3 de fevereiro de 1932, reafirma, com veemência, o seu alinhamento ao Partido Liberal Catarinense: “Por mais que barafustem, por mais que focejem, por mais que se arrepiem, tudo o quanto a politicagem fizer no sentido de esmagar o Partido Liberal Catharinense será supérfluo e será inútil”.

Na campanha eleitoral de 1933 à Assembléia Constituinte, apoiou os candidatos liberais<sup>7</sup> e, na véspera do pleito, trazia a manchete: “Não te esqueças, eleitor, que votar no Partido Liberal é cumprir o teu dever”. O Partido Liberal saiu vitorioso em



Joinville, assim como ocorreu com Getúlio Vargas. Exatos 24.990 catarinenses foram às urnas em 3 de dezembro daquele ano<sup>8</sup>.

Em 26 de maio, já se comemorava o fim da revolução de 32 que ocorreria, oficialmente, em 3 de outubro: “Uma grande vitória”, seguida de subtítulo em três diferentes tamanhos e tipos de fontes: “A Frente Única Paulista triunfou e venceu. Com a Frente Única Paulista está a Frente Única dos Pampas, e com a Frente Única dos Pampas, o Partido Liberal Catharinense. Está, pois, victoriosa também a maior força política do nosso Estado, que tem como chefe supremo a figura prestigiosa e inconfundível de Nereu Ramos”.

Em 10 de novembro de 1932, traz na capa matéria com o resultado das eleições alemãs que informa terem os nazistas perdido 33<sup>9</sup> cadeiras no Reichstag<sup>10</sup>. Mesmo com essa derrota, *A Notícia* continuou sua campanha pró-nazismo.

### 3.1 O discurso nazista em *A Notícia*

Atuando em uma cidade que “[...] guardava todas as características de uma pequena Alemanha[...].” (TERNES, 1983, p. 20), a partir de fevereiro de 1932, “Aurino concede generosos espaços a um novo personagem da cena política mundial: Adolf Hitler” (Ibidem, p. 76).

Em 13 de julho de 1934, o periódico traz na capa três grandes ilustrações de quase meia página: de um lado, Adolfo Hitler; de outro, o ministro da Propaganda do *Reich*, Josef Goebbels, e, no centro, a suástica nazista. No alto da página, a manchete traduzia uma frase do *Führer*: “A justiça é a vontade firme e constante de dar a cada um o que lhe é devido”. No subtítulo, o complemento do jornal: “Pela vontade inflexível de Hitler, a Alemanha voltará à posição que lhe pertence, como expoente da cultura e da civilização do mundo.”

A capa de 4 de dezembro de 1934 também merece evidência. Uma foto de Hitler ganha o centro da página com fundo na cor magenta, com os títulos “Hitler e a Alemanha” e “O alemão no Brasil”. A edição especial homenageia “a grande e laboriosa colônia alemã de Santa Catharina e à Alemanha Nova, à Alemanha de Hitler, que no empolgante período de reconstrução vivido durante o influxo do nacional-socialismo, vem reafirmando as tradições de valor de uma grande raça. A Alemanha de hoje merece a admiração de todos os povos”. E complementa: “Para reconduzir a Alemanha a sua antiga prosperidade e a sua

grandeza de outrora, impunha-se unificar os esforços e os ideais de todo o povo e confiá-los a uma vontade firme e a uma energia decidida. Essas virtudes foram encontradas em Hitler”.

O apoio ao nazismo também se faz presente nas chamadas de capa ou nas páginas internas em caixa alta, com a foto de Hitler e, às vezes, acompanhado de um texto de 10 ou 20 linhas. “O governo do Reich está pagando as dívidas alemãs para com os Estados Unidos” (24/1/1934). “Hitler em discurso irradiado criticou a ação do governo soviético e deu os Estados Unidos como responsáveis pelo estado de tensão que se vê na Europa” (22/2/1934). “Contrariando as afirmações de Hitler, de que a Alemanha seguiria apenas para a frente, o movimento revolucionário que acaba de explodir em Berlim decidirá se a nação rumará para a direita, com o *Führer*, ou para esquerda, contra Hitler” (01/07/1934).

Citações como “Hitler, salvando a Alemanha, salvará o mundo e a civilização”, “salvador do mundo”, “Hitler, a figura inconfundível que se ergueu misteriosamente dos caos de 1914”, “o novo Messias”, “sentinela contra a avalanche comunista”, “sensacionais declarações do chanceler” não faltavam nas edições. Naqueles anos, além da permanente cobertura a todos os atos de Hitler na Europa, o jornal publicava regularmente longos artigos, analisando a “Actual Alemanha”, inclusive ilustrados com fotos, ou reproduzia artigos publicados em outros jornais simpáticos às causas nazistas.

As possibilidades de declaração da guerra ganhavam destaque em praticamente todas as edições. Mussolini e Hitler eram os campeões de chamadas. Até uma dor de cabeça do líder nazista teve espaço no periódico. Com a entrada do Brasil na Guerra, em julho de 1944, Aurino muda radicalmente seu discurso, qualificando Hitler como “a besta humana”. Notícias sobre nazistas que não acreditam mais no líder começam a ser constantes. Em 4 de março de 1942: “Mais de 700 súditos do eixo deixarão o Brasil”. Na edição seguinte, uma demonstração inequívoca da mudança de posicionamento: “Hitler no caminho da derrota!” O texto é ilustrado com quatro fotos do *Führer*, todas trazendo uma imagem negativa do líder e acrescenta o apoio: “Hitler, em suas atitudes oratórias, fazendo ao povo alemão as promessas que não cumpriu”.

A maioria das notícias antinazistas traz falas de ex-nazistas, arrependidos ou veementemente desfavoráveis ao regime. Um exemplo é a matéria “Dormia com o livro de Hitler debaixo do traves-

seiro!" (13/1/1944), denunciando o filho do ex-chefe nazista de Blumenau, que guardava material de propaganda em casa. Outra tem como título "Sou alemã e as crianças só falarão a língua alemã", para mostrar que uma família nazista, de Itajaí, desobedeceu à lei ao desrespeitar um oficial da Armada.

Em 11 de março de 1942, o jornal veicula: "Espíões de Hitler presos no Rio!". No dia 15, outro título em letras garrafais: "A derrocada do nazismo não passará da década de 1943", e o subtítulo: "É essa a opinião dos próprios chefes militares alemães". Nessa mesma edição, outra manchete traduzia o apoio à campanha de nacionalismo brasileiro: "O Sigma e a Swaticas irmanados para trair o Brasil", fazendo referência à aliança, segundo o jornal, vergonhosa, entre os integralistas e os nazistas. Em 28 de abril, estampa: "Será o último crime de Hitler!", e acrescenta: "Se o Reich recorrer à guerra de gases, o exército alemão sofrerá as consequências na sua própria carne!"

Textos e fotos dos líderes do regime alemão buscavam recriminar, envergonhar os seguidores de Hitler. Na edição de 20 de março de 1942, outra denúncia: "Os nazistas de Joinville", seguida da linha de apoio: "O documento fotográfico encontrado em poder de Alfredo Briesse e que revela os cidadãos filiados ao partido de Hitler em nossa cidade – A situação do fotógrafo de Joinville". Na pequena matéria, é citado cada um dos nomes nas fotos, exceto os que não se sabia; uma maneira de recriminá-los perante a sociedade de Joinville.

Uma das únicas vezes que uma página, ou parte dela, recebeu impressão colorida, foi em 14 de maio de 1942, com a manchete "Sangue brasileiro está jorrando e ainda esses patifes quinta-colonistas são favoráveis a Alemanha". Logo depois, em 21 de maio, em uma nota, escreve: "O nazismo, regime de terror! – Hitler realizou a maior destruição de todos os tempos no terreno do espírito, afirma uma artista alemã".

## 4 Considerações finais

O envolvimento do jornal *A Notícia* com o nazismo nas décadas de 1930 e 1940 pode ser dividida em duas fases: a de apoio e a de execração àquele regime. Após a campanha de nacionalização, promovida pelo governo Vargas, o jornal redirecionou sua linha editorial e passou a explicitar as atrocidades nazistas. Até então, as matérias, geralmente, referiam-se à figura de Hitler como *Führer*. Com a

mudança de discurso, começou-se a chamá-lo pelo nome Adolf Hitler ou apenas Hitler. As manchetes, com letras em caixa alta, com o intuito de exaltar o regime nazista, passaram a demonstrar as deficiências daquele governo.

As fotos também acompanharam as duas fases. Enquanto na primeira fase prevaleciam as ilustrações do líder alemão sorrindo ou simpático, na segunda, demonstravam, claramente, o autoritarismo do *Führer*. Os grandes espaços fotográficos do início da década de 1930, que representavam o desenvolvimento da Alemanha, passaram, a partir de 1940, a deixar claro, por meio dos mortos, o retrocesso do país.

Na primeira fase, *A Notícia* exaltava o nazismo em três instâncias: a Alemanha como Estado valeroso e, ao mesmo tempo, injustiçado pelos países vencedores da Primeira Guerra; o regime de governo nazista como o grande propulsor do progresso naquele país, e a figura de Adolph Hitler como o estadista que colocaria a Alemanha no rumo do desenvolvimento e por extensão, também promoveria o crescimento das demais nações.

Das três instâncias – Estado, regime de governo e estadista – a que prevaleceu nas construções simbólicas do jornal foi a do estadista. Hitler foi elevado à figura mítica como "Salvador do mundo", da "civilização", "figura [...] que se ergueu misteriosamente do caos de 1914", "o novo Messias", "sentinela contra a avalanche comunista". O povo alemão, ao contrário, pouco é citado nas construções discursivas. Fica sempre na condição de uma "massa" a ser guiada por seu grande líder. Os alemães residentes em Joinville também são pouco referenciados.

Na segunda fase, *A Notícia* também centra suas instâncias enunciativas na figura do estadista, pouco referenciando o Estado e o regime de governo. Todas as críticas agora são contra Hitler. Estado e povo passam a ser vítimas do estadista. Os teuto-brasileiros simpatizantes do nazismo em Santa Catarina, até então pouco citados nos textos, passam agora à condição de "espíões" e alvos de denúncias por parte do jornal. Passam a ser apontados como extensão do nazismo em território catarinense.

O discurso pró-nazismo de *A Notícia* não representou, necessariamente, as reais convicções ideológicas de seu proprietário. Aurino Soares foi oportunista e buscou ampliar o número de leitores, pois uma expressiva parcela deles era simpatizante do nazismo. Forte evidência nesse sentido é que ele mudou de posicionamento e aderiu, de imediato, ao nacionalismo de Vargas. Como até então não havia um patrulhamento mais intenso do governo



com a imprensa, Aurino investiu na expansão de seu negócio. Em meados da década de 1930, o jornal tinha, segundo sua direção, cerca de 12 mil leitores. Possivelmente, muitos foram persuadidos pelo jornal a apoiar Hitler num primeiro momento e, no seguinte, a repudiá-lo. Nessa segunda fase, Aurino chegou a extorquir dinheiro dos alemães de Joinville, então fortemente discriminados.

### Nazi Regime in the periodical *A Notícia*.

The periodical *A Notícia*, of Joinville, city colonized for Germans, supported the nazi regime since the ascension of Adolf Hitler to the power. Between 1932 and 1944, some editions had printed the figure of Hitler and the nazi symbol, beyond dither messages to that regime. Based in the *Análise de conteúdo* (BARDIN, 1977), this article searches to understand the representation made for the periodical *A Notícia* on this historical landmark, in other words, bring to the light the consequences of a part of occurred world-wide history in catarinense territory.

**Key words:** 1. Second World War 2. Nazism 3. Periodical *A Notícia* (The Notice)

## Notas

1 Ao longo de sua história de 85 anos, *A Notícia* passou por diferentes fases. Ternes (1983) as divide em quatro: Primeira (1923 a 1944) – vai do seu lançamento até a morte de seu fundador. Em 1925, o jornal muda sua periodicidade, tornando-se bissemanário; em 1926, adquire seu parque gráfico; no fim de 1930, torna-se diário e chega a 1500 exemplares, um feito extraordinário para a época; em 1934, adquire a primeira linotipo de Santa Catarina; em 1939, passa a imprimir com uma moderna rotativa; a partir de 1940, consegue publicar suplementos em cores. Segunda (1946 a 1956) – após o falecimento de Aurino Soares, o jornal fecha por quase dois anos e é reaberto por Antônio Ramos Alvim, principal credor da empresa que se encontrava com volumosas dívidas. Alvim se associa ao então candidato ao governo do estado pelo PDS, Aderbal Ramos da Silva, e o jornal passa a defender as cores do partido. Terceira (1956 a 1980) – o jornal é adquirido por um grupo de 130 sócios, entre os quais empresários como Helmut Fallgater, Baltasar Buschle e Wittich Freitag. Mais tarde, Wittich Freitag tornou-se prefeito de Joinville. O jornal é administrado por Moacir Thomazzi (genro de Fallgater) e sua família. Quarta (1980 a 2007) – é a fase de modernização da empresa. Em 1980, inaugura moderna sede própria e impressão em off-set. Em agosto de 1995, é inaugurado novo parque gráfico, a redação informatizada e lançada a impressão colorida. As novas rotativas imprimem até 36 mil cadernos de 32 páginas por hora; um investimento de 2,5 milhões de dólares.

São 800 funcionários, dos quais 90 jornalistas, e 14 sucursais nas principais cidades-pólo do estado. Sua tiragem chega a 33 mil exemplares nos dias de semana, com circulação em 250 municípios catarinenses. Sua versão online chega à Internet em 1996. Acrescentamos a quinta fase, que se iniciou em 2007, com a aquisição do jornal pelo grupo RBS, do Rio Grande do Sul, e que controla sete jornais, 28 emissoras de televisão, 26 emissoras de rádio, entre outras empresas e veículos de comunicação espalhados pelos três estados do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Distrito Federal.

- 2 Conforme Gertz (1987), entre 1820 e 1939, 3,948 milhões de imigrantes europeus se refugiaram no Brasil, fugindo da grave crise econômica, social e política da Europa. O período de maior fluxo migratório foi entre 1890 e 1899 com 1,086 milhão (27,5% do total). Em Santa Catarina, na década de 1930, eles chegaram a 220 mil, correspondendo a 22% de 1 milhão de habitantes que havia no estado até então. No Rio Grande do Sul, dos 3,1 milhões de habitantes, 19,3% (600 mil) eram alemães. Portanto, os dois estados possuíam, “[...] tanto em números absolutos quanto em números relativos, o maior contingente de teutos no Brasil” (Ibidem, p. 20).
- 3 Segundo Gertz (1987), entre 1895 e 1930 dos 137 deputados catarinenses, 26 tinham nome alemão. Em 324 mandatos no período, 63 (19,4%) foram exercidos por deputados alemães. No Executivo, Lauro Muller, filho de imigrante alemão, foi o primeiro governador do estado após a Proclamação da República. Outros nomes como Raulino Horn, Felipe Schmidt e Adolpho Konder, Muller, Schmidt e Konder se revezaram no poder no início da República. Em 1935, dos 40 prefeitos municipais, 19 tinham nomes luso-brasileiros, seis com nomes italianos, um de outra origem, e 14 alemães (35%).
- 4 Em 1924 – o jornal circula às quartas-feiras e sábados. Em 1926 – circula três vezes por semana, às segundas quartas e sábados. Em 1930 – inicia-se a circulação diária, com exceção das segundas-feiras; em 1938 – altera-se, pela primeira vez, o logotipo do jornal, com a edição número 3.000; em 1944 – morre o fundador Aurino Soares.
- 5 No acervo da Biblioteca Pública do Estado não constam as edições de 5 de outubro a 7 de novembro, não havendo, portanto, mais detalhes sobre a “cobertura” do jornal em relação ao golpe que culminou com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder. Na edição de 8 de novembro, há apenas uma matéria, com fotos, sobre o banimento dos dois políticos, reproduzida do jornal *Diário da Noite*, do Rio de Janeiro.
- 6 Em 20 de outubro, publica edital (Sumário de Culpa) do juiz da Comarca, Mário Simões Portugal, em que acata a denúncia do promotor público contra os acusados de empastelar o jornal. O grupo liderado por Antônio Bastos e seu filho Peri Bastos, teve dez indiciados, entre eles dois policiais e alguns funcionários da prefeitura que, segundo o promotor, ajudaram a aliciar os demais integrantes de bando, alegando que estavam executando uma diligência policial e que, portanto, não sofreriam sanções e que receberiam entre 5 e 10 mil réis pelo serviço.
- 7 Nas eleições de 3 de maio, votaram 1.061 joinvilenses. Os republicanos (Candido de Oliveira Ramos, Carlos Gomes de Oliveira, Cel. Fontoura do Amaral e Arão Rebelo) fizeram 50% dos votos, os liberais (Iar-do Wenceslau da Luz, Edmundo da Luz Pinto, Marcos Konder e Cid Campos) 30% e a Legião e os leigos 30%. O jornal não divulgou os resultados. Eleições foram

anuladas em 1 de novembro, em razão da quebra do sigilo do voto, segundo o Superior Tribunal de Justiça. Nova eleição foi realizada em 3 de dezembro com os liberais, tendo como candidatos Nereu de Oliveira Ramos, Carlos Gomes de Oliveira, Fontoura Borges do Amaral e Arão Rebelo.

- 8 Foram eleitos pelo Partido Liberal: Nereu Ramos, Arão Rebelo e Carlos Gomes; e Adolpho Konder, pelos partidos coligados. No total, o Partido Liberal recebeu 12.484 votos, a Colligação 10.523 e os Evolucionistas 1.108 (A Notícia, 12/01/1934).
- 9 O título da matéria cita 37 cadeiras, mas a matéria assinala 33.
- 10 Conforme *A Notícia* (10/11/1932), na quarta eleição do ano na Alemanha, 79% (35.379.011) dos eleitores compareceram às urnas. Os hitleristas fizeram 11.705.256 votos, os socialistas 7.231.404, os comunistas 5.972.832, católicos e centristas 4.228.322, nacionalistas 3.161.626, os populares 659.703, populistas bávaros 1.081.595 e cristãos socialistas 412.523. Os nazistas foram os maiores derrotados e perderam dois milhões de votos e 33 cadeiras no Congresso que ficou assim constituído: 195 cadeiras para os nazistas, 122 para os socialistas, 100 para os comunistas, 70 para os católicos e centristas, 52 para os nacional-alemães, 18 para os populistas bávaros, 11 para o partido popular, cinco para o partido constitucional, duas para os agrários, duas para o partido econômico e duas para os cristãos socialistas. No total, houve uma redução de 608 para 582 cadeiras no parlamento alemão.

## Referências

- AMORIM, A. B. de. *Nazismo em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 2000.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- FAVERI, M. de. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí; Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.
- FERRO, M. *História da Segunda Guerra Mundial: século XX*. São Paulo: Ática, 1995.
- FICKER, C. *História de Joinville: subsídios para a crônica da colônia dona Francisca*. Joinville: 1965.
- GERTZ, R. *O fascismo no sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- TERNES, A. *História do jornal A Notícia - 1923-1983*. Joinville: A Notícia, 1983.
- \_\_\_\_\_. *História de Joinville, 1851-2002*. Joinville: Letradagua, 2002.
- \_\_\_\_\_. *História de Joinville: uma abordagem crítica*. s.l: s.n, 1984.

recebido em 3 jul. 2008 / aprovado em 22 out. 2008

### Para referenciar este texto:

BARCELLOS, B. L.; FERNANDES, M. L. Jornal *A Notícia* e o discurso nazista em Santa Catarina. *Cenários da Comunicação*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 127-135, 2008.

